

## **O CINEMA DE ANIMAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: POTENCIALIDADES PARA ALÉM DA REPRODUÇÃO DO “REAL”**

Anderson Luiz Rodrigues de Oliveira  
Universidade Federal da Grande Dourados  
andersongeografando@gmail.com

### **Resumo**

Este resumo resulta de uma reflexão acerca da inserção do cinema de animação no ensino de Geografia e suas potencialidades. O objetivo geral do trabalho do qual resulta este resumo foi analisar os motivos que levam à pouca utilização de filmes de animação em sala de aula pelos professores de Geografia. A partir da problematização da ausência das animações no contexto do ensino de Geografia, buscou-se discutir as potencialidades desta forma de filme a partir do filme de animação “O Menino e o Mundo”. Para a realização do trabalho, foi organizada uma tabela a partir de dados sobre a utilização de filmes nas aulas de Geografia e sua relação com os temas/conteúdos trabalhados. Os dados utilizados são secundários e foram gerados através de questionários aplicados pelos polos da rede internacional “Imagens, Geografias e Educação”. A presença reduzida das animações na lista de filmes utilizados em sala de aula pode ser explicada a partir de uma prática de utilização do cinema pela Geografia bastante voltada para uma ideia de representação da realidade das paisagens e dos conteúdos nos filmes. Entretanto, buscou-se demonstrar que o próprio afastamento do cinema de animação da “realidade fotográfica” pode se apresentar como potencialidade na discussão de conteúdos geográficos uma vez que as formas produzidas por animações como “O menino e o Mundo” criam diferentes visualidades e “imaginações” do mundo.

**Palavras Chave:** Ensino de Geografia; Filmes de animação; Imaginação.

### **Introdução**

O presente resumo expandido é resultado do trabalho de conclusão de curso realizado no ano de 2022. Com este, buscou-se apresentar uma reflexão teórica acerca das relações estabelecidas entre o cinema e o ensino de Geografia.

A principal motivação para a realização do trabalho se deu a partir de uma necessidade de tensionar a perspectiva a partir da qual a Geografia tem olhado para os filmes em sala de aula, buscando, com isso, pensar as possibilidades e novos olhares o cinema no ensino de Geografia.

O objetivo geral do trabalho foi analisar os motivos que levam à pouca utilização de filmes de animação em sala de aula pelos professores de Geografia. A partir disso, se apresentam como objetivos específicos: 1) problematizar a ausência das animações dentro do contexto do ensino de Geografia. 2) Discutir as potencialidades das animações no ensino de Geografia. 3) Propor uma reflexão acerca da potencialidade geográfica do filme de animação “O Menino e o Mundo”.

Em um primeiro momento, as discussões levantadas no trabalho possibilitaram uma compreensão acerca da perspectiva de utilização do cinema que foi historicamente assumida pela instituição escolar. A partir de Duarte e Alegria (2008), constatou-se a origem e apropriação do cinema pela escola e como essa utilização possui, desde sua gênese, um caráter fortemente “instrumental”, isto é, o filme como uma ferramenta em função do conteúdo

curricular, desconsiderando-se aspectos da linguagem, sua dimensão histórica, estética e cultural. Trata-se, conforme Almeida (2017) de uma “pedagogização do cinema” no qual os filmes deixam de operar esteticamente. Assim, tudo que fosse “alheio” à escola poderia ser instrumentalizado “[...] para se atingirem os fins pedagógicos historicamente assumidos pela instituição” (ALMEIDA, 2017, p.6).

Em um segundo momento das reflexões realizadas, foi discutido, de modo introdutório, o caráter com que a Geografia tem se apropriado dos filmes em sala de aula. Com isso, constatou-se, a partir de Nunes (2021), uma forte presença da ideia de cinema como ilustração verdadeira e realista dos conteúdos e da realidade. De acordo com Nunes, os filmes “são tomados como ilustração verdadeira e realista do que se deseja ensinar, com forte apelo às paisagens dos lugares onde as narrativas se desenvolvem, buscando-se uma certa verossimilhança entre os filmes e o real.” (NUNES, 2021, p. 12). Esse caráter com que a Geografia tem olhado para os filmes decorre, em grande parte, do modo com que a própria instituição escolar se apropriou do cinema.

Sobre esse aspecto, Rocha (2022), ao analisar sete coleções de livros didáticos olhando para suas indicações de filmes, constatou a presença da ideia de que existiria um tipo “certo” de filmes para se trabalhar na Geografia, o drama e o documentário. Sobre isso, o autor argumenta que a existência predominante de dois gêneros frequentemente sugeridos como filmes nas coleções de livros didáticos levanta questões sobre a percepção educacional de qual tipo ou formato de filme é adequado para o contexto escolar. Isso sugere a presença de uma concepção que aponta para a existência de um filme “ideal” para fins educacionais. Com isso, Rocha aponta que a preocupação não se limita apenas aos dois gêneros mais comuns, mas se estende ao potencial impacto de tal abordagem, que pode limitar a exposição a outras formas de expressão cinematográfica e, com isso, pode restringir a oportunidade de construir novas e variadas experiências com a linguagem cinematográfica (Rocha, 2022, p.17).

Tendo em vista a constatação dessa perspectiva assumida pela Geografia no que diz respeito à utilização de filmes em sala de aula, buscou-se um tensionamento desse olhar reduzido sobre esse cinema entendido como aquele que deve comparecer nas aulas de Geografia.

A partir de autores(as) como Oliveira Jr. (2005), Queiroz Filho (2011), Pimenta e Ferraz (2014), buscou-se uma reflexão e entendimento do filme como produtor de sensibilidades, sentidos e espacialidades a partir de elementos estéticos e aspectos próprios de sua linguagem. Em resumo, a ideia de que a obra cinematográfica não seria apenas a representação da realidade dos conteúdos.

Foi nessa perspectiva que se deu o terceiro momento das reflexões, com a ideia de que a forma filme poderia emergir enquanto potência. Essa reflexão foi pensada através do cinema de animação por se tratar de uma forma de cinema que, conforme constatou-se na pesquisa, aparece em menor número nas aulas de Geografia.

O que se buscou argumentar na pesquisa partiu da hipótese de que as animações seriam pouco utilizadas por serem consideradas “menos sérias” dentro do contexto de ensino e discussão de temas geográficos, sobretudo, devido ao predomínio da perspectiva que busca uma

“realidade” que supostamente estaria representada nas imagens e paisagens do cinema de ação ao vivo.

Nesse sentido, a animação foi pensada como uma forma a partir da qual se discutiria a possibilidade de um outro olhar para o cinema no ensino de Geografia buscando um afastamento da ideia de representação imagética do “real”, forma através da qual buscou-se discutir a possibilidade de produzir diferentes experiências a partir dos elementos de sua linguagem. Essa discussão foi realizada a partir/através da animação *O Menino e o Mundo* (2013).

Com isso, busca-se aqui, pensar o filme de animação como um dispositivo que pode possibilitar a produção de novas visualidades para falar do mundo e, com isso, potencializar imaginações e reflexões geográficas.

### **Pensando com as formas da animação**

Para exemplificar o que é apontado como forma da animação que possibilita a produção de novas visualidades, podemos pensar a partir do exemplo apresentado na figura 1 que se segue.

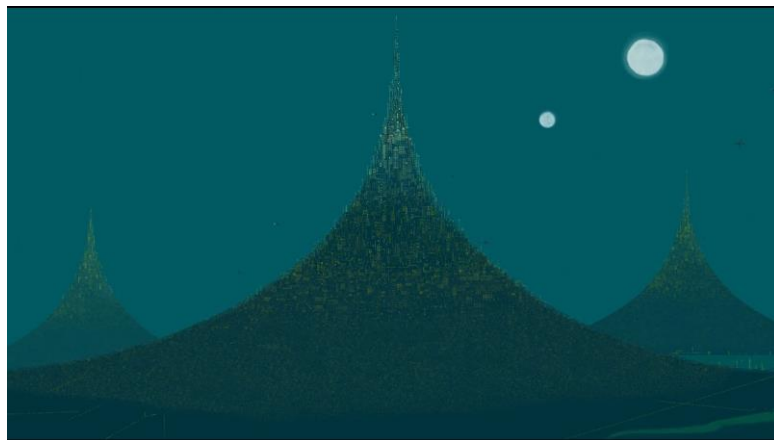


Figura 1 - Fonte: “O menino e o mundo”, de Alê Abreu (2013).

É possível observar que a animação cria uma forma específica para compor a paisagem urbana do que seria, no contexto da narrativa, a periferia do “sistema-mundo” de sua representação. Uma das leituras possíveis para a forma da cidade criada pela animação se dá no sentido de que essa forma praticamente dá visualidade à ideia de uma “pirâmide social” expressa na paisagem urbana. A forma da cidade criada pela animação permite uma visualização potencializada do movimento de acúmulo do capital, que é sustentado por uma base explorada a partir da qual a riqueza é extraída e se eleva até o topo cada vez mais restrito (e mais iluminado à medida que se eleva).

A ideia aqui é que ao olhamos para a animação, o exercício é pensar com suas formas, quais representações podemos construir com essas formas e quais sentidos a paisagem que ganha forma na animação produz em nós.

A animação em questão é bastante potente no que diz respeito a produção dessas formas, mas, por uma questão de espaço, pode-se resumir que buscou-se refletir na trabalho que deu origem a esse resumo, a partir de cenas do filme *O menino e o Mundo*, a ideia de que o modo como a animação é realizada (a combinação de diversas técnicas como colagens, desenhos a lápis e giz, os sons etc.) produz as formas, as cores e as texturas que se constituem como elementos fundamentais da narrativa e da construção daquele mundo do filme. É através dessa forma que o filme assume enquanto linguagem que interpretamos suas geografias a partir de nossas referências espaciais.

A ideia de forma abordada parte de Pareyson ao apontar que “o conteúdo nasce como tal no próprio ato em que nasce a forma, a forma não é mais que a expressão acabada do conteúdo.” (PAREYSON, 1997, p. 56). Nessa perspectiva, o invisível do conteúdo só se tornaria visível a partir da forma assumida.

Trazendo para a discussão proposta em relação à animação: as interpretações que fazemos acerca desta e os conteúdos e discussões que nela enxergamos resultam das visualidades produzidas por sua forma, sua linguagem. Assim, a forma e o conteúdo são inerentes um ao outro, inseparáveis.

Essas formas, conforme buscou-se argumentar através da animação, estão para além da reprodução do real, produzem novas visualidades a discussões e conteúdos. Dessa maneira, levantou-se a discussão de que o filme de animação poderia potencializar o ensino de Geografia ao produzir diferentes formas de “imaginar” o mundo.

Com isso, é possível pensar o filme de animação como um dispositivo que pode potencializar a função/faculdade da imaginação e que, ao se desprender da reprodução fotográfica do “real”, pode produzir novas visualidades e formas de imaginar o mundo.

## **Conclusão**

A prática de utilização do cinema pela Geografia é bastante voltada para uma ideia de representação da realidade dos conteúdos, ou seja, de visualização dessa realidade nos filmes, sobretudo, com um ape. Nesse sentido, os filmes de animação podem ser, por vezes, considerados menos “sérios” para se trabalhar os conteúdos geográficos que fazem esse “apelo à realidade”.

Uma das potencialidades para se pensar com o cinema de animação pode estar justamente em sua capacidade produzir formas e estéticas que não buscam, necessariamente, a reprodução do real. Nesse sentido, possibilitando a produção de diferentes geografias a partir da criação de outras visualidades para além da “realidade fotográfica”.

Por fim, o apelo à representação da realidade imagética dos conteúdos a partir de filmes pode fazer com que o cinema de animação tenha uma inserção reduzida no ensino de Geografia. Entretanto, as próprias formas das animações, como se buscou demonstrar a partir do filme “*O Menino e o Mundo*”, podem ser potencializadoras de discussões geográficas uma vez que essas formas, ao produzir imagens que se desprendem da “realidade fotográfica” podem dar visualidade a conteúdos e discussões antes invisíveis e que estão para além da reprodução do “real”.

## Referências

ALMEIDA, Rogério de. **CINEMA E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS**. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 33, e153836, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010246982017000100107&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982017000100107&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 27 set. 2021.

DANTAS JUNIOR, Reinaldo Oliveira; GÓES, Liliane Matos. **A utilização do filme O Menino e o Mundo como recurso na discussão do conceito de paisagem e suas dinâmicas**. Geopauta, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 129-140, 2020. DOI: 10.22481/rg.v4i1.5817. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/geo/article/view/5817>. Acesso em: 8 oct. 2022.

DUARTE, Rosália. ALEGRIA, João. **Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação**. Educação & Realidade, n. 33 (1), 2008, p. 59-80.

NUNES, Flaviana Gasparotti. **Cinema e professores de Geografia: aproximações e distanciamentos? considerações a partir da rede pública de Dourados (MS)**. ETD: EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL, 2021.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **O que seriam as geografias de cinema?**. Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 27-33, dez. 2005. ISSN 1809-8150. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/8276>>. Acesso em: 30 mar. 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.17851/1809-8150.1.2.27-33>.

**O Menino e o Mundo**. Direção: Alê Abreu. Produção: Tita Tessler Fernanda Carvalho. Roteiro: Alê Abreu. [S.I.]: Filme de Papel, 2013, DVD.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética** (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PIMENTA, Thiago Albano de Sousa; FERRAZ, Cláudio Benito de Oliveira. **Geografia e Cinema: encontro entre linguagens – imagem e palavra**. ENTRE-LUGAR, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 89-105, dez. 2014. ISSN 2177-7829. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/5134>>. Acesso em: 30 mar. 2021.  
PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.